

Um novo personagem nas salas de aula ? «O hiperativo»

Nos últimos anos, um novo personagem desponta no cenário das escolas brasileiras – ?o hiperativo?. Como suponho que esta não seja uma ?invenção nacional?, escrevo aqui para compartilhar este fenômeno com professores e professores portugueses. Quem é ?o hiperativo?? Numa resposta muito simplificada, seria uma identidade instituída por narrativas que falam de ?crianças agitadas e dispersivas?. Os investimentos no escrutínio e descrição de tal identidade têm sido intensos e diversificados, numa movimentação cujo objetivo inequívoco é ? administrar? a conduta do ?hiperativo? no conjunto das atividades de gestão da escola. Inclui-se aí a gestão administrativa, pedagógica, curricular e disciplinar. A criança ou o jovem ?hiperativo? têm sido vistos como ruptores da ordem e, como tal, desestabilizadores da lógica pedagógica da maquinaria escolar, acentuadamente marcada pela racionalidade moderna, em que o amplo e minucioso domínio do uso do espaço e do tempo é central. Se seguirmos uma linha foucaultiana de análise e considerarmos as sociedades neoliberais contemporâneas como orientadas para ações de governmentação (de si e dos outros), é mais ou menos fácil visualizarmos as estratégias identitárias como práticas governamentais. Tais práticas não são privativas do Estado, elas são variadas, polimorfas e disseminam-se pelo tecido social, o que as aproxima e unifica é seu direcionamento, sua finalidade – o controle das condutas.

Muitos autores têm mostrado que a produção de saberes, de conhecimentos sobre os seres e coisas do mundo são centrais às estratégias de governmentação, pois não é possível governar o que não se conhece. É nesse sentido que saber é poder; poder que se exerce. Nesse sentido, também, as sociedades modernas têm sido pródigas na invenção de narrativas cujo objetivo é descrever como as coisas são e funcionam, entre elas, as identidades. Campos especializados de saber surgem, todos eles implicados na produção daquilo sobre o que falam. ?O hiperativo? é um bom exemplo da produtividade destas *expertises* contemporâneas, dentre as quais despontam as chamadas disciplinas da área psi, especializadas nas tecnologias das subjetividades. No assunto que nos interessa aqui, psiquiatras, psicólogos, pedagogos e terapeutas de todo o tipo têm se dedicado a descrever ?o hiperativo?, produzindo um poderoso arsenal discursivo. E não são apenas escritos científicos e acadêmicos que lidam com isso; peças publicitárias, matérias jornalísticas, programas de rádio, novelas de televisão, etc., integram o conjunto de instâncias por onde circulam versões destas narrativas identitárias. E já se pode encontrar no jornal de domingo um testezinho de algibeira para que cada pessoa avalie seu grau de ?desvio da normalidade?, e procure corrigir sua trajetória, regulando sua conduta para adequá-la à norma. Evidências da efetividade destas estratégias de governo das subjetividades podem ser colhidas o tempo todo, para isso basta ficarmos atentos. Ora é uma aluna que se descreve como ?ex-hiperativa?, ora uma professora que fala de seus esforços duplicados para acomodar e ensinar ?os hiperativos?. Eu lembro de meu sobrinho de sete anos que disse: – *tia, não posso falar contigo agora, hoje é dia de psicóloga, sou hiperativo!*

E nessa pequena fala aponto um dos problemas que vejo nestas estratégias de governo das subjetividades: a patologização. ?O hiperativo? é descrito como uma criança acometida de uma patologia denominada *distúrbio de déficit de atenção*, caracterizada por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade. Ela pode envolver alterações relacionadas à linguagem e memória, e embora o hiperativo tenha inteligência dita normal ou acima da média, o distúrbio se manifestaria na forma de dificuldades de aprendizagem e de disciplina. Como se vê, uma ? doença? que ataca principalmente a sociabilidade, restringindo a regulação e se interpondo ao processo civilizatório. Li em algum lugar que crianças ?hiperativas? estão sempre fazendo algo, e como sua energia, curiosidade e necessidade de explorar são surpreendentes e aparentemente infinitas, são propensas a se machucar e a quebrar e danificar coisas. Mais uma vez, observem que são crianças difíceis de governar e de controlar segundo os moldes e objetivos da moderna pedagogia. São crianças que nos escapam. Seriam dificuldades das crianças que precisam de atenção e cuidados especiais ou nossas – professores e professoras despreparados para lidar com o movimento constante e a mudança de atenção permanente das crianças e jovens de hoje? Observo que a maioria dos estudantes apresenta sintomas do que é narrado como hiperatividade, e a maior parte deles parece muito bem resolvida; somos nós, adultos, que vemos problemas nesse novo modo de comportar-se. Será que estamos preocupados com o bem-estar das crianças ou com o insucesso da nossa pedagogia?

O que pretendi foi problematizar uma narrativa da qual uma das conseqüências é colocar um conjunto de crianças e jovens contemporâneos no terreno da anormalidade, criando mais um ?outro? na sala de aula. Mas a criação e a atenção a esse outro, ao contrário do que se pensa, pode ser vista como uma exclusão incluyente, quer dizer, descrever e patologizar os ?hiperativos? é uma forma de não deixá-los escapar, de aumentar o controle sobre eles. Contudo, há que se pensar na possibilidade de crianças e jovens ?hiperativos? serem a própria expressão da era em que vivemos; protagonistas ?normais? de um tempo-espaco cada vez mais fluído, instável, matizado, rápido e desconcertante. Quem sabe a hiperatividade possa ser entendida como a ?normalidade? dos nossos tempos!?